

Silvia Federici

A HISTÓRIA OCULTA DA FOFOCA

mulheres, caça às bruxas
e resistência ao patriarcado



O texto deste livreto faz parte do livro *Mulheres e caça às bruxas*, de Silvia Federici, cuja publicação a Boitempo prepara para setembro deste ano.

“É importante nos esforçarmos para compreender a história e a lógica da caça às bruxas e as muitas maneiras pelas quais ela se perpetua em nossa época. Pois é apenas mantendo essa lembrança viva que poderemos evitar que ela se volte contra nós.” – *Silvia Federici*

Tradução: Heci Regina Candiani

© desta edição, Boitempo, 2019
© PM Press 2018

Capítulo traduzido do livro *Witches, Witch-Hunting and Women*.

Exemplar de cortesia. É vedada a comercialização deste livreto, bem como a reprodução de qualquer parte dele, sem a expressa autorização da editora.

Este livreto contou com o apoio da LIS Gráfica e Editora e da Labate Papéis.

1ª edição: julho de 2019

Impresso em papel Chambril Avena 80 g/m², da International Paper, pela gráfica Lis.

BOITEMPO

Jinkings Editores Associados Ltda.
Rua Pereira Leite, 373
05442-000 São Paulo SP
Tel.: (11) 3875-7250 / 3875-7285


BOITEMPOEDITORIAL.COM.BR

 /blogdaboitempo.com.br

 /boitempo

 @editoraboitempo

 /tvboitempo

 @boitempo

Sobre o significado de “*gossip*”

Narrar a história das palavras que são frequentemente usadas para definir e degradar as mulheres é um passo necessário para compreender como a opressão de gênero funciona e se reproduz. A história do termo “*gossip*” [atualmente traduzido como “fofoca”] é emblemática nesse contexto. Por meio dela, podemos acompanhar dois séculos de ataques contra as mulheres no nascimento da Inglaterra moderna, quando uma expressão que usualmente aludia a uma amiga próxima se transformou em um termo que significava uma conversa fútil, maledicente, isto é, uma conversa que provavelmente semearia a discórdia, o oposto da solidariedade que a amizade entre mulheres implica e produz. Imputar um sentido depreciativo a uma palavra que indicava amizade entre as mulheres ajudou a destruir a sociabilidade feminina que prevaleceu na Idade Média, quando a maioria das atividades executadas pelas mulheres era de natureza coletiva e, ao menos nas classes baixas, as mulheres formavam uma comunidade coesa que era a causa de uma força sem-par na era moderna.

Traços do uso da palavra são frequentes na literatura do período. Derivada dos termos ingleses arcaicos *God* [Deus] e *sibb* [aparentado], “*gossip*” significava, originalmente, “*god parent*” [padrinho ou

madrinha], pessoa que mantém uma relação espiritual com a criança a ser batizada. Com o tempo, entretanto, o termo passou a ser usado em sentido mais amplo. Na Inglaterra do início da era moderna, “*gossip*” se referia às companhias no momento do parto, não se limitando à parteira. Também se tornou um termo para amigas mulheres, sem conotação necessariamente derogatória¹. Em todo caso, a palavra tinha fortes conotações emocionais. Reconhecemos isso quando observamos a palavra em ação, denotando os laços a unir as mulheres na sociedade inglesa pré-moderna.

Encontramos um exemplo dessa conotação em um mistério do Ciclo de Chester* que sugere que “*gossip*” era um termo muito usado. Os mistérios eram uma produção dos membros da guilda que, ao criar e financiar essas encenações, tentavam reforçar seu prestígio social como parte da estrutura de poder local². Dessa forma, estavam comprometidos com a preservação das formas de comportamento esperadas e com a sátira daquelas a ser condenadas. Criticavam as mulheres fortes, independentes, e em especial as relações com os maridos, pois – dizia a acusação – elas preferiam estar com as amigas. Como relata Thomas Wright em *A History of Domestic Manners and Sentiments in England during the Middle Ages* [Uma história de costumes e sentimentos domésticos na Inglaterra durante a Idade Média] (1862)³, os mistérios frequentemente as retratavam levando uma vida autônoma, muitas vezes “se reunindo com suas ‘*gossips*’ em tavernas públicas para

¹ Segundo o *Oxford English Dictionary*, “conhecida próxima, amiga, camarada”. Sustentado por referências de 1361 a 1873.

* O Ciclo de Chester era um conjunto de 26 dramas religiosos (mistérios, moralidades e milagres) característicos do teatro medieval, sendo que os mistérios, em especial, representavam passagens bíblicas. (N. T.)

² Nicole R. Rice e Margaret Aziza Pappano, *The Civic Cycles: Artisan Drama and Identity in Premodern England* (Indiana, University of Notre Dame Press, 2015).

³ Thomas Wright, *A History of Domestic Manners and Sentiments in England during the Middle Ages* (Londres, Chapman and Hall, 1862).

beber e se divertir”. Dessa maneira, em um dos mistérios do Ciclo de Chester que representa Noé exortando pessoas e animais a entrar na arca, a esposa é apresentada sentada em uma taverna com suas “*gossips*”, recusando-se a sair dali quando o marido a chama, mesmo com as águas subindo, “a menos que ela tenha permissão de levar as *gossips* consigo”⁴. Estas, segundo Wright relata, são as palavras que ela é levada a proferir pelo autor (claramente crítico) do mistério:

Sim, Senhor, hasteie sua vela
 E avance sob a chuva malévola,
 Porque, sem erro,
 Não sairei desta cidade.
 Tenho, porém, minhas *gossips*, todo mundo.
 Não darei um passo além.
 Elas não se afogarão, por São João,
 E posso salvar suas vidas!
 Elas me querem muito bem, por Cristo!
 Mas as deixe entrar no seu barco,
 Caso contrário, reme para onde quiser
 E arranje uma nova mulher.⁵

Na peça, a cena termina com um embate físico em que a mulher vence o marido.

“A taverna”, observa Wright, “era o refúgio das mulheres das classes média e baixa que se reuniam ali para beber e fofocar”. Ele acrescenta: “Os encontros das *gossips* nas tavernas são temas de muitas das canções populares dos séculos XV e XVI, tanto na Inglaterra

⁴ Sobre a peça de Noé no Ciclo de Chester, ver Nicole R. Rice e Margaret Aziza Pappano, *The Civic Cycles*, cit., p. 165-84.

⁵ Thomas Wright, *A History of Domestic Manners and Sentiments in England during the Middle Ages*, cit., p. 420-1. No original: “Yes, Sir, set up your sail,/ And row forth with evil hail,/ for without fail,/ I will not out of this town,/ But I have my gossips, everyone,/ One foot further I will not go./ They will not drown, by St. John! And I may save their lives! They love me full well, by Christ! But you let them into your boat,/ Otherwise row now where you like! And get yourself a new wife”.

como na França”⁶. Como exemplo, ele cita uma canção, provavelmente de meados do século XV, que descreve um desses encontros. As mulheres, “tendo se encontrado por acaso”, decidem ir para “onde há o melhor vinho”, de duas em duas, para não chamarem atenção nem serem descobertas pelos maridos⁷. Assim que chegam, elas elogiam o vinho e reclamam sobre suas situações matrimoniais. Então, voltam para casa, por ruas diferentes, “dizendo aos maridos que tinham ido à igreja”⁸.

A literatura de mistérios e moralidades pertence a um período de transição no qual as mulheres ainda mantinham um grau considerável de poder social, mas sua posição social nas áreas urbanas estava cada vez mais ameaçada, à medida que as guildas (que patrocinavam a produção das peças) começavam a excluí-las de seus quadros e a instituir novas fronteiras entre a casa e o espaço público. Não é de surpreender, portanto, que nelas as mulheres fossem muitas vezes repreendidas e representadas como encenqueiras, agressivas e prontas a lutar com os maridos. Típica dessa tendência era a representação da “batalha pelas calças”, na qual a mulher aparece como dominatrix – chicoteando o marido, montada nas costas dele, em uma inversão dos papéis claramente concebida para humilhar os homens ao permitir que as esposas ficassem “no comando”⁹.

Essas representações satíricas, expressões de um crescente sentimento misógino, serviram à política das guildas que se empenhavam em se

⁶ Ibidem, p. 437-8.

⁷ “Deus pode me mandar uma ou duas fustigadas”, disse uma delas, “se meu marido me encontrar aqui”. “Não”, disse outra, Alice, “aquela que tem medo é melhor que vá para casa. Eu não tenho medo de homem nenhum”. Ibidem, p. 438.

⁸ Ibidem, p. 439.

⁹ Sobre o ataque da esposa dominadora, ver D.[avid] E. Underdown, “The Taming of the Scold: The Enforcement of Patriarchal Authority in Early Modern England”, em Anthony Fletcher e John Stevenson (eds.), *Order and Disorder in Early Modern England* (Cambridge, University of Cambridge Press, 1986), p. 129.

tornar domínios exclusivamente masculinos. No entanto, a representação das mulheres como figuras fortes, assertivas, também captava a natureza das relações de gênero da época, pois nem nas áreas rurais nem nas urbanas as mulheres eram dependentes dos homens para sobreviver; elas tinham as próprias atividades e compartilhavam muito da vida e do trabalho com outras mulheres. Cooperavam umas com as outras em todos os aspectos. Costuravam, lavavam roupas e davam à luz cercadas por outras mulheres – nesta última situação, os homens eram rigorosamente excluídos dos aposentos da parturiente. Sua condição legal refletia essa grande autonomia. Na Itália, no século XIV, elas ainda podiam se dirigir independentemente à corte para denunciar um homem se ele as agredisse ou molestasse¹⁰.

No século XVI, entretanto, a posição social das mulheres havia começado a se deteriorar, e a sátira deu lugar ao que, sem exagero, pode ser descrito como uma guerra contra as mulheres, especialmente das classes baixas, que se refletia em um número cada vez maior de acusações por bruxaria e de agressões contra esposas tidas como “rabugentas” e dominadoras¹¹. Além desse desdobramento, começamos a ver uma mudança no significado de “*gossip*”, cada vez mais designando a mulher envolvida em conversas fúteis.

O sentido tradicional perdurou. Em 1602, quando Samuel Rowlands escreveu “Tis Merrie When Gossips Meete” [É divertido quando as *gossips* se encontram], peça satírica que descreve as horas que três mulheres de Londres passam em uma taverna falando sobre homens e casamento, a palavra ainda é usada para indicar amizades femininas, dando a entender que “as mulheres podiam criar suas próprias conexões sociais e seu próprio espaço social” e enfrentar a autoridade

¹⁰ Samuel K. Cohn, “Donne in piazza e donne in tribunale a Firenze nel rinascimento”, *Studi Sorici* 22, n. 3, jul.-set. 1981, p. 531-2.

¹¹ Ver D.[avid] E. Underdown, “The Taming of the Scold”, cit., p. 116-36.

masculina¹². Contudo, à medida que o século avançou, a conotação negativa da palavra predominou. Como mencionado, a transformação se deu em paralelo ao fortalecimento da autoridade patriarcal na família e à exclusão das mulheres dos ofícios e das guildas¹³, o que, com o processo dos cercamentos, levou à “feminização da pobreza”¹⁴. Com a consolidação da família e da autoridade masculina em seu interior, representando o poder do Estado com respeito a esposas e crianças, e com a perda do acesso a antigos meios de subsistência, tanto o poder das mulheres como as amizades femininas foram enfraquecidos.

Dessa maneira, na Idade Média tardia, uma esposa ainda podia ser representada enfrentando seu marido e até mesmo trocando socos com ele, mas, no fim do século XVI, ela poderia ser punida com severidade por qualquer demonstração de independência ou crítica em relação a ele. A obediência – como a literatura da época enfatizava constantemente – era a primeira obrigação da esposa, imposta pela Igreja, pelo direito, pela opinião pública e, em última análise, pelas punições cruéis que foram introduzidas contra as “rabugentas”, como o “*scold’s bridle*” [rédea ou freio das rabugentas], também chamado de “*branks*”, engenhoca sádica de metal e couro que rasgaria a língua da mulher se ela tentasse falar. Tratava-se de uma estrutura de ferro que circundava a cabeça, um bridão de cerca de cinco centímetros de comprimento e dois centímetros e meio de largura projetado para dentro da boca e voltado para baixo sobre a língua; muitas vezes, era

¹² Bernard Capp, *When Gossips Meet: Women, Family, and Neighbourhood in Early Modern England* (Oxford, Oxford University Press, 2003), p. 117.

¹³ A literatura sobre a exclusão das mulheres de ofícios e guildas na Inglaterra, bem como na França, na Alemanha e na Holanda, é extensa. Sobre a Inglaterra, ver Alice Clark, *Working Life of Women in the Seventeenth Century* (Londres, Routledge & Kegan Paul, 1982 [1919]).

¹⁴ Marianne Hester, “Patriarchal Reconstruction and Witch Hunting”, em Jonathan Barry, Marianne Hester e Gareth Roberts (eds.), *Witchcraft in Early Modern Europe: Studies in Culture and Belief* (Cambridge, Cambridge University Press, 1996), p. 302.

salpicado de pontas afiadas, de modo que, se a infratora mexesse a língua, aquilo causaria dor e faria com que fosse impossível falar.

Registrado pela primeira vez na Escócia em 1567, esse instrumento de tortura foi criado como castigo para as mulheres das classes baixas consideradas “importunas” ou “rabugentas” ou “subversivas”, sempre suspeitas de bruxaria. Esposas que fossem vistas como bruxas, malvadas e rabugentas também eram forçadas a usá-lo¹⁵. Muitas vezes, o instrumento era chamado “*gossip bridle*”, atestando a mudança no sentido do termo. Com uma estrutura dessas travando a cabeça e a boca, as acusadas podiam ser conduzidas pela cidade em uma humilhação pública cruel que deve ter aterrorizado todas as mulheres e que demonstrava o que elas poderiam esperar caso não se mantivessem subservientes. É significativo que, na Virgínia, Estados Unidos, isso tenha sido usado para controlar pessoas escravizadas até o século XVIII.

Outra tortura a que mulheres assertivas/rebeldes foram submetidas foi o “*cucking stool*” ou “*ducking stool*” [banco de imersão]¹⁶, também usado como punição para prostitutas e mulheres que participavam dos motins contra os cercamentos. Tratava-se de uma espécie de cadeira a que a mulher era amarrada e “instalada para ser submersa em um lago ou rio”. De acordo com D.[avid] E. Underdown, “depois de 1569 as evidências de sua adoção começam a se multiplicar”¹⁷.

Mulheres também foram levadas aos tribunais e multadas por “rabugice” enquanto sacerdotes, durante os sermões, bradavam contra suas línguas. Esperava-se que as esposas, em particular, ficassem caladas, “obedecessem aos maridos sem questionar” e “sentissem veneração

¹⁵ Ver, entre outros, D.[avid] E. Underdown, “The Taming of the Scold”, cit., p. 123.

¹⁶ Ibidem, p. 123-5; ver também S.[usan] D. Amussen, “Gender, Family and the Social Order, 1560-1725”, em Anthony Fletcher e John Stevenson, *Order and Disorder in Early Modern England*, cit., p. 215.

¹⁷ D.[avid] E. Underdown, “The Taming of the Scold”, cit., p. 123.

por eles”. Acima de tudo, elas eram instruídas a fazer de seu marido e de sua casa os centros de sua atenção e a não passar o tempo à janela nem à porta. Eram até mesmo desencorajadas de fazer muitas visitas a sua família depois do casamento e, sobretudo, de dedicar tempo a suas amigas. Ainda na Inglaterra, em 1547, “foi expedido um decreto proibindo as mulheres de se encontrarem para tagarelar e conversar” e ordenando aos maridos que “mantivessem as esposas dentro de casa”¹⁸. As amizades femininas foram um dos alvos da caça às bruxas, na medida em que, no desenrolar dos julgamentos, as mulheres acusadas foram forçadas, sob tortura, a denunciar umas às outras, amigas entregando amigas, filhas entregando mães.

Foi nesse contexto que “*gossip*” se transformou, de uma expressão de amizade e afeto, em um termo de difamação e ridicularização. Mesmo quando usada com o antigo significado, a palavra revelava novas conotações, que no fim do século XVI referiam-se a um grupo informal de mulheres que forçavam comportamentos socialmente aceitos por meio de censura privada ou rituais públicos, sugerindo que (como no caso das parteiras) a cooperação entre as mulheres era colocada a serviço da manutenção da ordem social.

¹⁸ Louis B. Wright, *Middle-Class Culture in Elizabethan England* (Ithaca, Cornell University Press, 1965 [1935]).



Ilustração de “*scol'd's bridle*”, dispositivo de tortura citado no texto. Esta imagem foi extraída de *The Strand Magazine*, jul.-dez, 1894.

A fofoca e a formação do ponto de vista feminino

Hoje, “*gossip*” [no sentido de fofoca] designa a conversa informal, geralmente danosa às pessoas que servem de assunto. É, na maioria das vezes, uma conversa que extrai sua satisfação da depreciação de outros; é a disseminação de informações não destinadas à audição pública, mas capazes de arruinar reputações, e é, inequivocamente, uma “conversa de mulheres”.

São as mulheres que “*gossip*”, supostamente por não terem nada melhor a fazer e por terem menos acesso ao conhecimento real, à informação, e por uma inabilidade estrutural de construir discursos racionais, de base factual. Dessa forma, a fofoca é parte integrante da desvalorização da personalidade e do trabalho das mulheres, em especial do trabalho doméstico, supostamente terreno ideal para que essa prática prospere.

Essa concepção de “*gossip*”, como vimos, surgiu em um contexto histórico particular. Pela perspectiva de outras tradições culturais, essa “conversa fútil entre mulheres”, na verdade, surgiria de modo bem diferente. Em muitas partes do mundo, as mulheres têm sido vistas historicamente como tecelãs da memória – aquelas que mantêm vivas as vozes do passado e as histórias das comunidades, que as transmitem

às futuras gerações e que, ao fazer isso, criam uma identidade coletiva e um profundo senso de coesão. Elas também são aquelas que passam adiante os conhecimentos adquiridos e os saberes – relativos às curas medicinais, aos problemas amorosos e à compreensão do comportamento humano, a começar pelo comportamento dos homens. Rotular toda essa produção de conhecimento como “fôfoca” é parte da degradação das mulheres – é uma continuação da construção, por demonólogos, da mulher estereotipada com tendência à maldade, invejosa da riqueza e do poder de outras pessoas e pronta para escutar o diabo. É dessa forma que as mulheres têm sido silenciadas e até hoje excluídas de muitos lugares onde são tomadas decisões, privadas da possibilidade de determinar a própria experiência e forçadas a encarar os retratos misóginos ou idealizados que os homens fazem delas. Estamos, no entanto, recuperando nosso conhecimento. Como uma mulher disse recentemente em um encontro para discutir o sentido da bruxaria, a mágica é: “Sabemos que sabemos”.

Sobre o livro

Este livro, que revisita alguns dos temas de *Calibã e a bruxa* [2004]* e a relação que têm com a atual onda de violência contra as mulheres que testemunhamos, tenta responder a perguntas que são cruciais para qualquer movimento social.

Por que as mulheres – cujos corpos trouxeram a este mundo todas as pessoas que já viveram e que não apenas procriam, mas nutrem as crianças e reproduzem diariamente suas famílias – devem ser alvo de tanta violência, incluindo as caças às bruxas?

Como argumentei, principalmente na segunda parte, um aspecto do ataque contemporâneo contra as mulheres – em especial negras, colonizadas no passado, proletárias – é dirigido contra as possíveis mães de uma juventude rebelde, que rejeita a expropriação e luta para recuperar o que foi produzido por gerações de comunidades escravizadas. Nesse sentido, há uma continuidade entre o ataque a mulheres negras/“pobres” e a política de encarceramento em massa que o governo dos Estados Unidos pratica internamente e em todo o mundo. As mulheres do chamado Terceiro Mundo também são transformadas em alvos da violência pelas políticas econômicas que

* *Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva* (trad. Coletivo Sycorax, São Paulo, Elefante, 2017). (N. E.)

as definem como sem utilidade, como fardos para suas comunidades e como defensoras de formas de produção supostamente contrárias ao bem comum (como a agricultura de subsistência). Um fator-chave na nova onda de violência contra as mulheres é a dependência da acumulação de capital em relação à prática do “extrativismo”, que exige o deslocamento de comunidades atingidas e a destruição de seus meios de reprodução.

No entanto, o ataque contra as mulheres vem, sobretudo, da necessidade de o capital destruir o que não consegue controlar e degradar aquilo de que mais precisa para sua reprodução. Trata-se do corpo das mulheres, pois mesmo nessa era de superautomação, nenhum trabalho e nenhuma produção existiria a não ser como resultado de nossa gestação. Bebês de proveta não existem – essa é uma fórmula discursiva que deveríamos rejeitar como expressão de uma busca masculina para a procriação fora do corpo feminino, que é uma das fronteiras que o capital ainda precisa superar.

A caça às bruxas, em todas as diversas formas, também é um meio poderoso de destruir relações comunais, injetando a suspeita de que sob a vizinha, a amiga, a amante se esconde outra pessoa, ansiosa por poder, sexo, riqueza ou simplesmente com desejo de cometer maldades. Como no passado, essa invenção é essencial em um momento em que a repulsa em relação ao capitalismo e a resistência a sua exploração crescem em todas as partes do mundo. É fundamental, para isso, que cada pessoa entre nós tenha medo das outras, suspeite das intenções das outras, se aproxime das outras sem nada em mente além daquilo que poderá ganhar ou do dano que elas poderão causar.

Por esse motivo, é importante nos esforçarmos para compreender a história e a lógica da caça às bruxas e as muitas maneiras pelas quais ela se perpetua em nossa época. Pois é apenas mantendo essa lembrança viva que poderemos evitar que ela se volte contra nós.

Mulheres e caça às bruxas

de Silvia Federici, autora de *Calibã e a bruxa*

setembro de 2019 nas livrarias

Narrar a história das palavras que são frequentemente usadas para definir e degradar as mulheres é um passo necessário para compreender como a opressão de gênero funciona e se reproduz. A história do termo “*gossip*” [atualmente traduzido como “fofoca”] é emblemática nesse contexto.

Por meio dela, podemos acompanhar dois séculos de ataques contra as mulheres no nascimento da Inglaterra moderna, quando uma expressão que usualmente aludia a uma amiga próxima se transformou em um termo que significava uma conversa fútil, maledicente, isto é, uma conversa que provavelmente semearia a discórdia, o oposto da solidariedade que a amizade entre mulheres implica e produz.

Imputar um sentido depreciativo a uma palavra que indicava amizade entre as mulheres ajudou a destruir a sociabilidade feminina que prevaleceu na Idade Média, quando a maioria das atividades executadas pelas mulheres era de natureza coletiva e, ao menos nas classes baixas, as mulheres formavam uma comunidade coesa que era a causa de uma força sem-par na era moderna.